

LINHA SNS24: CADA MACACO NO SEU GALHO



Lúcia Leite, Presidente da Associação Sindical Portuguesa dos Enfermeiros

A linha SNS24 foi, em tempos, uma linha de atendimento exclusivo por enfermeiros. Profissionais com capacidades técnicas, experiência clínica e conhecimento científico, preparados para avaliar e triar situações complexas - quer na comunidade, em meio hospitalar, ou através de contacto telefónico. Esse era o princípio: enfermeiros a fazer enfermagem. Mas, em Portugal, a regra é simples: aquilo que funciona, mexe-se até deixar de funcionar.

Apesar das pós-graduações, mestrados e especialidades que tornam melhores os nossos enfermeiros, nem sempre esses percursos são reconhecidos. Na linha, não é diferente. Pelo contrário: os profissionais trabalham em condições precárias, sem formação contínua adequada, com remuneração injusta e avaliados por quantidade e não pela qualidade. Resultado? Faltam enfermeiros. **E em vez de se investir naquilo que é necessário - atrair e fixar especialistas - o Estado opta pelo atalho fácil: meter outros profissionais a desempenhar funções que não lhes competem.**

Conforme o Despacho n.º 13807/2024, publicado no âmbito do Plano para a Resposta Sazonal em Saúde no inverno 2024/2025, foi autorizada, a título excecional e transitório, a inclusão de farmacêuticos nas equipas da Linha SNS24 (mais de

500 elementos foram integrados, informação publicitada pela Ordem dos Farmacêuticos), com funções associadas à triagem, aconselhamento e encaminhamento de utentes, em conjunto com recém-licenciados em enfermagem e medicina. A justificação foi simples: **tapar buracos em períodos de maior pressão, nomeadamente no inverno, em sintomas respiratórios e da orofaringe. No entanto, nessa altura, qualquer alteração fora do algoritmo tinha de ser validada por um supervisor enfermeiro. Era uma exceção justificada!**

Porém, as ideias criativas não ficaram por aqui, confrontado com a crise nas urgências e necessidade de reduzir a afluência, mais uma vez, o Governo empurra para a linha SNS24 um projeto piloto intitulado “Ligue Antes, Salve Vidas”, sem olhar para as condições humanas necessárias para o assegurar. Um projeto que já se estendeu a 27 das 39 Unidades Locais de Saúde (ULS) sem reforçar meios humanos e equipamentos, sem ouvir os profissionais que asseguram o atendimento diário, sem medir as consequências. Atira-se para a frente, como sempre, para cumprir a propaganda e o calendário político.

E quem paga a fatura? Os cidadãos que necessitam de respostas desesperadamente e os profissionais, esmagados por um sistema que já não aguenta mais!

A verdade é dura, mas tem de ser dita: o Serviço Nacional de Saúde está de rastos, esgotado, uma completa vergonha nacional. Fingir o contrário é insultar não só os enfermeiros, mas todo o povo português que diariamente sente na pele a falência de um sistema que devia protegê-lo.

Mas em Portugal, todos sabemos: nada é mais definitivo do que uma "medida provisória".





SEM EXCEÇÃO, todos devemos lutar por uma linha SNS24 que seja, de facto, aquilo para que nasceu

No início de 2025, esses mesmos farmacêuticos foram “promovidos” a seniores, o que significa que estão capazes de triar todos os sintomas, incluindo situações de gravidez, e com autonomia para alterar a avaliação clínica inicial. Uma decisão gravíssima, que colocava em risco a segurança da população e usurpava funções legalmente reservadas a enfermeiros e médicos. Foi revogada, na sequência da intervenção da Ordem dos Enfermeiros, após os enfermeiros da linha manifestarem preocupação. É verdade, mas apenas porque era véspera de eleições!

Coincidência ou não, a atual Ministra da Saúde é farmacêutica. Depois de reeleita, manteve-se em funções e agora quer dar um passo perigoso: a partir de setembro, os farmacêuticos deixarão de ter apenas o papel que sempre tiveram no SNS24 - o apoio no aconselhamento sobre medicamentos - para passarem a desempenhar também outras funções: de **triagem, encaminhamento e aconselhamento clínico de todos os utentes**. Ou seja, vão ocupar o lugar dos enfermeiros, ultrapassando aquilo que inicialmente foi proposto como exceção e provisório, para se transformar numa decisão definitiva, e a justificação apresentada é quase insultuosa: basta “seguir o algoritmo” e transmitir a decisão final como se isso fosse sinónimo de segurança total para o utente. Como se a vida das pessoas pudesse ser reduzida a um conjunto de cliques, dispensando conhecimento clínico, experiência profissional e pensamento crítico.

E convém não esquecer que segundo o enquadramento legal da profissão de farmacêutico não se incluem nos atos próprios da profissão, a prestação de cuidados individualizados, envolvendo as etapas de avaliação, diagnóstico, planeamento, implementação e

evolução dos cuidados, como é estabelecido para os enfermeiros. Apenas **está reconhecido como ato farmacêutico a prestação de informação e aconselhamento sobre medicamentos, dispositivos médicos, produtos fitofarmacêuticos, produtos cosméticos e outros produtos ou outras tecnologias de saúde.**

O absurdo atinge o auge na linha SNS Grávida. Esta linha deveria ser composta, preferencialmente, por enfermeiros especialistas em saúde materna e obstétrica, devidamente preparados para avaliar o risco clínico, triar grávidas e recém-nascidos e orientar para o serviço mais adequado à situação. Mas, em vez disso, o Ministério quer colocar farmacêuticos a atender grávidas que pensam estar a falar com profissionais qualificados nesta área. Isto é enganar as pessoas. Isto é brincar com a vida das mães e das nossas crianças.

A comunidade de enfermagem está profundamente preocupada. E não se trata de uma guerra corporativa. Trata-se de segurança. Não queremos, nem vamos ver, enfermeiros a vender medicamentos nas farmácias ou a preparar fármacos em laboratório. Da mesma forma, não aceitamos farmacêuticos a desempenhar funções de triagem clínica no SNS24. Cada macaco no seu galho!

A saúde dos portugueses não é um laboratório de experiências políticas, nem uma selva de macacos a competir pelo mesmo galho!

E como se não bastasse a confusão criada com farmacêuticos a ocupar funções que não lhes competem, temos ainda o absurdo dos administrativos. Depois de um processo de triagem clínica feito por enfermeiros, muitas chamadas acabam entregues a administrativos sem formação em saúde. O resultado? Pessoas que deveriam ser avaliadas em serviço de urgência são empurradas para teleconsultas que muitas vezes nem chegam a acontecer pelos constrangimentos técnicos. Outras ficam a circular de urgência em urgência, sem que ninguém assuma responsabilidade. É este o retrato cru do sistema: profissionais qualificados a serem desautorizados, doentes perdidos num labirinto de burocracia, e administrativos a decidir destinos que não lhes cabem.

O Ministério da Saúde deve parar de improvisar com a vida dos portugueses e criar condições para que os enfermeiros generalistas, os enfermeiros especialistas (de todas as áreas) integrem a linha, com dignidade, para dar resposta qualificada à população.

Pela saúde das nossas grávidas e dos seus bebés, pela segurança de todos os utentes, SEM EXCEÇÃO, todos devemos lutar por uma linha SNS24 que seja, de facto, aquilo para que nasceu: uma linha de triagem clínica feita por enfermeiros devidamente qualificados, com as ferramentas necessárias para proteger e encaminhar cada cidadão para a resposta mais próxima e adequada à sua situação clínica.



geral@aspe.pt
www.aspe.pt

